

CONSTRUÇÃO DO DISCURSO HOMOFÓBICO EM REDES SOCIAIS

Karlla Gavazzoni

Silvia Maria de Sousa

Mestranda

RESUMO: Uma das redes sociais com maior popularidade atualmente, de acordo com dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, é o *Facebook*, motivo pelo qual foi escolhido como veículo de análise deste artigo. Nessa plataforma, a comunicação se tornou um fenômeno mais complexo, tendo em vista as possibilidades comunicativas diversas: é possível conversar via chat, um espaço que simula a interação face a face; criar e compartilhar informações em postagens, possuindo a ferramenta de autoedição textual para alterá-las ao bel-prazer do usuário, além das ferramentas de privacidade, dando ao internauta poder sobre sua imagem. É possível, portanto, que os sujeitos exponham suas opiniões sob moldes de um status de verdade, sem que haja uma preocupação sobre os desdobramentos desta exposição – já que o anonimato é um dos efeitos da interação na internet. Com essas possibilidades interativas, são recorrentes discussões e debates em publicações de páginas de jornais, como O Globo, Jornal Extra e Estadão, especialmente sobre conteúdos que trazem assuntos polêmicos, acontecimentos políticos e crimes violentos. Nos comentários das chamadas publicitárias desses espaços – que constituem o corpus deste trabalho – observamos a emergência da intolerância. A partir da Semiótica de linha francesa, estudaremos o fenômeno dos discursos intolerantes associados à temática da homofobia – discursos esses que são caracterizados por um processo semiótico de significação que veicula marcas textuais para a identificação da intolerância no plano de conteúdo dos textos – no *Facebook*, levando em conta a complexidade discursiva na internet e o caráter passional dos discursos intolerantes, além do modo como esses discursos são construídos.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica discursiva, Discurso intolerante na internet, Complexidade discursiva, *Facebook*, Homofobia

Introdução

A intolerância tem sido, nos últimos anos do século XXI, tema frequente em diversas pesquisas acadêmicas de áreas como psicologia, antropologia e linguística. No âmbito dos estudos da Semiótica, metodologia norteadora deste trabalho, a estudiosa Diana

Barros (2011, 2015, 2016) dedica especial parte de suas pesquisas a essa questão. Paralelamente, o advento das redes sociais tem modificado o modo como as pessoas se comunicam diariamente. De acordo com Martino (2017), as “redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes” (p. 55). Essa flexibilidade e dinâmica tornam a interação um fenômeno mais complexo e interessante para a comunicação no dia a dia, tendo em vista a gama diversa de possibilidades de envio de uma mensagem. A observação de que o sucesso das redes sociais obtido na contemporaneidade, especialmente em países como o Brasil, ocorre em consonância a uma maior expressão da intolerância como objeto de pesquisas acadêmicas configurou o movimento principiante deste trabalho. Pretendemos, ao final deste artigo, ser capazes de estabelecer uma relação de significação direta entre a comunicação digital e a expressividade da intolerância – especificamente, da homofobia, tema central eleito por nós.

Neste trabalho, problematizaremos a relação entre a configuração discursiva da internet e a possível consolidação e proliferação de discursos intolerantes. Mais especificamente, estudaremos o fenômeno dos discursos intolerantes – discursos esses que são caracterizados por processo semiótico de significação que veicula marcas textuais para a identificação da intolerância no plano de conteúdo dos textos – no *Facebook*, levando em conta a complexidade discursiva na internet, além do modo como esses discursos são construídos.

Acentua-se que, muitas vezes, os discursos intolerantes são organizados sob face de mera “opinião”. Esse caráter é edificado a partir de um julgamento preconceituoso inicial, instaurado pela identificação de uma quebra de contrato de valores que esse sujeito acredita. Os valores tradicionais e conservadores, por exemplo, podem ser quebrados na presença de um casal homossexual se beijando em público. O sujeito intolerante, então, ao realizar esse julgamento inicial, polariza os termos “preconceito” e “opinião” em seu discurso, sendo recorrente a expressão “não é preconceito, é só a minha opinião!” em seu comentário. Nesses casos, observamos que o sujeito não identifica, em seu discurso, características intolerantes, pois destitui sua ação contra o outro do significado de “preconceito”.

Através das balizas teóricas da Semiótica Discursiva e em diálogo, especialmente, com as formulações de Diana Barros (2011, 2015, 2016), consideramos ser fundamental não somente definir o que são esses discursos – isto é, o que os caracterizam como, de fato, intolerantes –, como também compreender e analisar a forma como são construídos pelos sujeitos do mundo virtual.

Para realizar a tarefa de analisar postagens das páginas do *Facebook* selecionadas, provenientes do Jornal *O Globo* e *Estadão*, seguiremos o seguinte percurso analítico: a) análise da construção discursiva da intolerância a partir de categorias do nível semionarrativo, da sintaxe discursiva do Percurso Gerativo de Sentido e da Semiótica das Paixões; b) Análise da relação entre a rede social *Facebook* e a produção dos discursos intolerantes.

O Percurso Gerativo da Intolerância

O percurso gerativo de sentido (PGS) é uma ferramenta metodológica da semiótica que consiste na análise, em camadas, do sentido de um texto em sua imanência. O percurso é constituído por três níveis, que vão do mais geral e abstrato ao mais objetivo e concreto: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo. No nível fundamental, são estudadas as categorias de base que compreendem os sentidos de um texto, sempre colocadas sob uma oposição mínima. No caso dos discursos intolerantes, essa categoria compreende a relação entre identidade versus alteridade. Já no nível narrativo, estuda-se o percurso de ação dos sujeitos a partir de diversos recursos de análise específicos. No caso do estudo em tela, as ferramentas semionarrativas mobilizadas constituem um foco no percurso de sanção dos sujeitos, tendo em vista que essa é uma característica latente desses discursos; as modalizações subsumidas no discurso intolerante e a análise passional desses discursos. Por fim, no nível discursivo, estuda-se a concretização dos moldes fundamentais em temas e figuras do discurso – patamar este que, como veremos mais pra frente, torna profícua a análise da manifestação da ideologia no discurso intolerante.

O termo “intolerância”, se pesquisado no dicionário, revela associações pertinentes que concretizam os valores relacionados a esse verbete.

(in.to.le.rân.ci:a)

sf.

1. Qualidade do que é intolerante.

2. Falta de tolerância; INTRANSIGÊNCIA: *intolerância* 0 com os erros dos outros.

3. Atitude agressiva ou repressora para com as diferenças de outrem relativamente a etnia, crença, opinião, modo de vida etc. (*intolerância* religiosa/ideológica).

[F.: Do lat. *intolerantia*. Ant. ger.: *tolerância*.]

(AULETE, Caldas. Intolerância.)

Os termos “agressiva”, “repressora” e “intransigência” esclarecem a rede de significados que permeia o termo intolerância, classificando a partir de uma atitude tirânica ao reprimir as “diferenças de outrem”. É pertinente afirmar, portanto, que um texto considerado como intolerante é aquele que, de certa forma, proporciona a repressão, agride os valores e a existência de um sujeito com valores diversos do provedor do discurso intolerante. Barros (2011), em seu estudo *A construção discursiva dos discursos intolerantes*, delimita dois critérios para a seleção do material “intolerante” para análise, os quais também serão considerados neste projeto. São eles: “o reconhecimento social de que certos discursos são preconceituosos, intolerantes, discriminatórios e/ou a observação de que apresentam as características arroladas, neste estudo e em outros, como próprias desse tipo de discurso” (p. 256).

Para analisar a forma como os discursos intolerantes são construídos no *Facebook*, Barros (2011) afirma, entre outras características, que estes discursos podem ser considerados como discursos apaixonados – tema esse que trataremos mais adiante – e acentuadamente de sanção, ou seja, com ênfase no julgamento dos sujeitos, além de basearem-se em temas e figuras relacionados “à oposição semântica fundamental entre a igualdade ou identidade e a diferença ou alteridade” (p. 264). Além dessas características apontadas por Barros, é importante considerar que, no nível semionarrativo, há um choque de modalidades que configuram discursos calcados na esfera da prescrição ou da interdição, isto é, baseados em um dever-fazer e em um deve-não-fazer. Isso significa dizer que o discurso intolerante possui invariáveis estruturais identificáveis, que podem ser apreendidas na análise.

Na página do O Globo no Facebook, em dezembro de 2017, foi publicada uma matéria que demonstrava a repressão do piloto brasileiro Hamilton à roupa de princesa de

seu sobrinho. Essa publicação foi acompanhada do seguinte comentário, feito pela própria página do jornal: “A maioria dos usuários condenou a atitude do piloto”. Todavia, o que os comentários da publicação demonstravam era que, na verdade, a maioria dos internautas louvava essa atitude:



- Marcos** *De Oliveira de Carvalho* Macho Alfa ainda existe nesse mundo cada vez mais pink ... parabéns Hamilton...
Curtir · Responder · 21 sem 2,3 mil
- Elaine** *Barbosa* Qualquer pessoa normal espera que menino seja menino e menina seja menina....o resto é nazigayzismo!!!
Curtir · Responder · 42 sem 308
- Jonathan** *Barbosa* Não adianta. Podem chamar de homofobia, machismo ou o que for. Um Homem JAMAIS vai gostar de ver seu filho fazendo coisas femininas. Podem chorar, podem rotular, mas não adianta... Macho tem isso na sua raiz e nunca irá mudar.
Curtir · Responder · 21 sem 332
- Guilherme** *Barbosa* Pronto, agora o cara tem ver o sobrinho vestido de mulher e não pode falar mais nada. Após meu filho até os 18 anos vai se vestir de homem. Ele que me apareça vestido de mulher que ele vai me apanhar igual a galinha pra largar o choco.
Curtir · Responder · 21 sem 45

Publicação 1 - Postagem do O Globo sobre a crítica de Hamilton a seu sobrinho vestido de princesa.

É possível observar que os comentários da publicação em questão evidenciam uma clara oposição entre àqueles que se consideram “normais” (“Qualquer pessoa normal[...]”; “Podem chamar de homofobia [...] um Homem JAMAIS vai gostar de ver seu filho fazendo coisas femininas[...]”; “Macho Alfa ainda existe [...]”) e os “anormais” (“[...] nesse mundo cada vez mais Pink[...]”; “[...] o resto é nazigayzismo!!!”). Essas representações, na verdade, explicitam a oposição entre aqueles que são iguais – que repreendem o fato de um menino se vestir de menina – e aqueles que são diferentes – os que se vestem de menina e/ou são homossexuais. Essa oposição cria uma dinâmica radical no percurso narrativo dos discursos homofóbicos, uma vez que os discursos se baseiam no julgamento do outro sob uma perspectiva extrema (“Ele que me apareça vestido de mulher que ele vai me apanhar igual a uma galinha pra largar o choco.”). Observa-se, outrossim, um comportamento da esfera da interdição dos sujeitos do discurso homofóbico, já que a predominância dos discursos observados baseia-se num dever-não-fazer: o outro deve não utilizar roupa feminina, sob o risco de ser sancionado negativamente pelos sujeitos do discurso homofóbico. É interessante observar que o valor almejado, no caso dos sujeitos do discurso intolerante, sempre parte de uma heteronormatividade, tendo em vista que o outro deve se comportar de forma compatível com as práticas, aparências e modos de existência dos heterossexuais.

Numa análise um pouco mais concreta, é possível examinar os temas e figuras que dão forma ao “modo de ver e de pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais, assegurando assim o caráter ideológico desses discursos” (FIORIN, 1988, p. 1-16 apud BARROS, 2011, p. 264). É em relação com a oposição semântica fundamental entre igualdade e diferença, identidade e alteridade, que os temas e figuras dos discursos intolerantes atuarão – seja na quebra contratual de embranquecimento da sociedade, de heterossexualidade, de dominação masculina etc.

A página no *Facebook* do *Jornal Estadão* publicou uma matéria sobre o que motivou um homem a assassinar mais de 50 pessoas numa boate gay, em Orlando (EUA): o fato de ele ter visto “dois homens se beijando em frente à sua mulher e ao seu filho”. A

exposição ao sujeito que quebrou o contrato de heterossexualidade subentendido pelo atirador e que lhe causou ódio pela coexistência no mesmo espaço que ele e sua família fez com que o atirador passasse, então, à segunda etapa dos percursos dos sujeitos intolerantes e realizasse a ação contra os homossexuais: a violência, o assassinato.

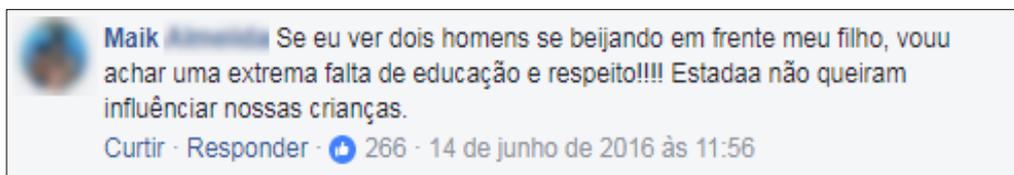


Publicação 2 - Postagem do Estadão sobre o atentado a cerca de 50 pessoas numa boate gay em Orlando (EUA)

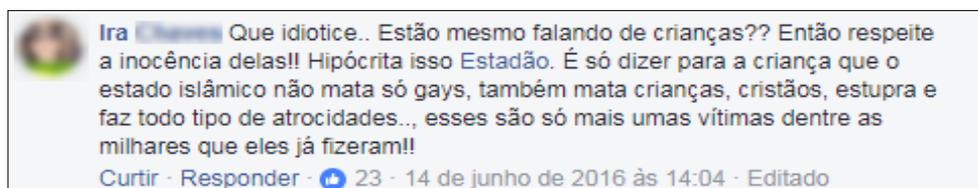
As figuras de “dois homens” (suscitando o tema da homossexualidade) e “mulher e filho” (suscitando os temas da família tradicional e heterossexualidade) contrapõem-se na fala do pai do atirador para demonstrar a sua “motivação” à realização da ação de violência contra “o diferente”. Nos discursos intolerantes, há a construção de percursos temáticos e figurativos que caracterizam, por exemplo, “a animalização do ‘outro’, a ‘antinaturalidade’ do diferente, o caráter doentio da diferença, a imoralidade do ‘outro’” (BARROS, 2011, p. 264). O atirador sancionou negativamente a homossexualidade por sua “antinaturalidade” ao possuir como motivação uma cena de

dois homens se beijando em público e até por sua “imoralidade”, por considerar esse beijo algo que seja prejudicial à visão de sua esposa e filho.

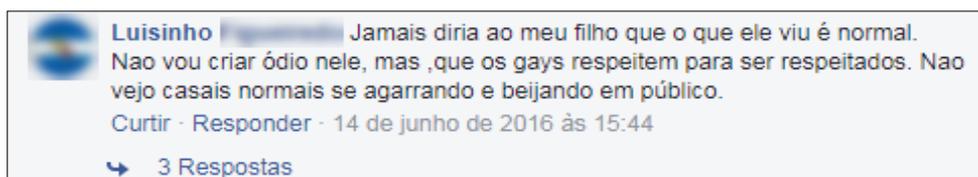
O narrador (projetado pelo enunciador *Jornal Estadão*), em contraposição ao que o pai do atirador explanou na reportagem, aconselha os enunciatários a terem um posicionamento diferente ao se depararem com uma situação semelhante a que o atirador se deparou: “se seu filho vir dois homens ou duas mulheres se beijando, responda: ‘estão beijando porque se amam, filho’. Afinal, beijo é sinal de carinho e estamos falando de amor”. O tema do “amor” surge para abranger a todo e qualquer sujeito, sejam “dois homens” ou uma família tradicional, de “homem, mulher e filho”, concretizando a oposição semântica de identidade e alteridade do nível fundamental com temas e figuras do mesmo espectro para ambos os termos (“o amor”, “o beijo”). Na contraposição instaurada pela notícia, supõe-se que a mudança de comportamento ao ver “dois homens se beijando” geraria um desfecho diferente para a sociedade, tornando-a mais tolerante e evitando novos massacres aos homossexuais. Porém, em muitos comentários nesta chamada, essa sugestão não foi seguida:



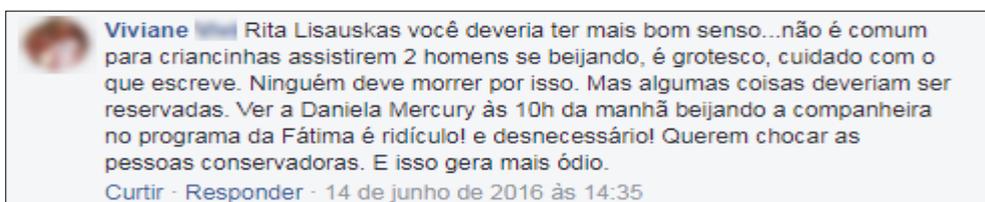
Comentário 1 - Em 14 de junho de 2016, na página do *Estadão*.



Comentário 2 - Em 14 de junho de 2016, na página do *Estadão*.



Comentário 3 - Em 14 de junho de 2016, na página do *Estadão*.



Comentário 4 - Em 14 de junho de 2016, na página do *Estadão*.

A sugestão de explicar aos seus filhos que beijo entre dois homens ou duas mulheres é algo normal, já que o beijo está no campo semântico do tema do amor – que é algo comum entre as pessoas – não foi compactuada com grande parte dos internautas que comentaram na publicação do jornal, tendo esses considerado um suposto beijo entre dois homens como “falta de educação e respeito”. Os sujeitos dos comentários colocam, então, os homossexuais num patamar diferente do deles (“jamais diria ao meu filho que o que ele viu é normal”), o que faz com que haja uma valoração negativa do beijo gay em público (“que os gays respeitem para ser respeitados”, “não queriam influenciar nossas crianças”, “beijo no rosto e abraço tudo bem, mas este povo se esfrega para provocar”).

É importante acentuar que, no nível semionarrativo de análise, a facultatividade não tem espaço nos discursos intolerantes: o sujeito intolerante se coloca como um sujeito do poder, que crê na realidade defendida e sabe que seus valores são os soberanos e devem ser aceitos e acatados. Esse caráter fica explícito no exemplo anterior, ao passo que os internautas prescrevem normas para que o *Estadão* siga tanto a partir de um dever-não-fazer (“Estadão não queira influenciar nossas crianças.”, “Cuidado com o que escreve.”) quanto por um dever-fazer (“Então respeite a inocência deles”, “[...] você deveria ter mais bom senso”).

Destaca-se, nesses exemplos, o Comentário 4, em que o sujeito refere-se diretamente à autora do texto da publicação, Rita Lisauskas – e não ao *Jornal Estadão*, como muitos outros, atribuindo um grau de pessoalidade maior em sua crítica. O sujeito, admitindo seu conservadorismo (“Querem chocar as pessoas conservadoras”), julga a morte como uma sanção excessiva (“Ninguém deve morrer por isso”) e afirma que o que incomoda mesmo é a “provocação” das pessoas homossexuais, já que “não é comum crianças assistirem 2 homens se beijando” e “ver a Daniela Mercury às 10h da manhã

beijando a companheira no programa da Fátima é ridículo”. O internauta, então, coloca a imagem de um beijo gay como proibida se ocorrida em público, sendo tolerável em “segredo”, já que estaria atuando sob as modalidades do ser e não-parecer.

Ao tentar colocar-se como tolerante no comentário, criticando a morte como sanção e tolerando a existência “disfarçada” dos homossexuais, o sujeito do Comentário 4 acaba por expor sua intolerância sem que se dê conta disso, já que não percebe que o ato de separar o outro considerado como diferente, além de utilizar a figura do “grotesco” para caracterizar o beijo gay, já deixa evidências de um discurso intolerante. Imagem semelhante é construída no Comentário 3, em que o internauta afirma que não disseminará o ódio em seu filho (“Não vou criar o ódio nele”), porém, produz um discurso intolerante baseado na paixão do ódio ao caracterizar o beijo gay como “anormal” e desrespeitador (“Jamais diria ao meu filho que o que ele viu é normal. [...] que os gays respeitem para ser respeitados”).

Percebe-se, então, que os temas e figuras no discurso intolerante estão associados a um movimento de separação entre àqueles considerados como iguais, normais e respeitadores e àqueles diferentes, anormais e provocadores – movimento esse que abarca a oposição fundamental entre identidade e alteridade, concretizando a geração do discurso intolerante.

Além do percurso narrativo de sanção, os discursos intolerantes também são considerados como discursos apaixonados, isto é, discursos tomados por modalizações do ser dos sujeitos, definidos a partir de arranjos modais instaurados por uma práxis enunciativa de uma dada cultura. Uma paixão pode ser definida pela “configuração discursiva caracterizada por suas propriedades sintáticas – é um sintagma do discurso – e pela diversidade dos componentes que reúne: modalidade, aspectualidade, temporalidade etc.” (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 297). Estes são os elementos que permitem que uma paixão seja identificada, por exemplo, como durativa ou pontual, mais intensas, excessivas ou insuficientes. Barros (2011) defende a hipótese de que os percursos passionais que configuram predominantemente os discursos intolerantes são os que se referem às paixões malevolentes (como o ódio) em relação ao sujeito diferente (mau-cumpridor dos contratos sociais determinados por formações ideológicas específicas) e à paixão do medo desse outro “diferente”. Os estudos da

malevolência partem da pesquisa de Greimas (1981) associada à análise da cólera. Trata-se de uma paixão em que um sujeito parte de um estado inicial de espera confiante – ou seja, é um sujeito modalizado pelo crer –, parte para um estado de frustração ou decepção, gerando uma falta – modalizado pelo saber-não-ser – e busca reparar essa falta a partir da malquerença – modalizado por um querer-fazer-mal.

Esse percurso narrativo pode ser encontrado nos comentários de ambos os exemplos aqui analisados. No caso da Publicação 1, os sujeitos evidenciam a paixão do ódio contra o outro (“Um homem JAMAIS vai gostar de ver seu filho fazendo coisas femininas”; “[...] o resto é nazigayzismo!!!”; “Ele que me apareça vestido de mulher que ele vai me apanhar igual a uma galinha pra largar o choco.”), demonstrando aversão pela existência de meninos que se vestem com roupas femininas e, até mesmo, ao “nazigayzismo”, neologismo criado por um internauta pra fazer alusão dos gays e das perspectivas nazistas.

A paixão do medo do que esse outro pode causar em si e nos seus semelhantes pode ser observada nos comentários da Publicação 2, em que os sujeitos demonstram preocupação com a exposição de um beijo gay em público (“[...] não é comum para criancinhas assistirem a 2 homens se beijo [...]. Algumas coisas deveriam ser reservadas”; “Se eu ver dois homens se beijando em frente meu filho, vouu achar uma extrema falta de educação e respeito”), sancionando, inclusive, o Estadão como veículo que pretende influenciar os filhos desses internautas (“Estadaa não queiram influenciar nossas crianças”).

Facebook e intolerância

Por fim, é essencial analisar como a interatividade exacerbada que a internet proporciona ao sujeito do mundo virtual, partindo da relação complexa entre público e privado, fala e escrita e autoria e anonimato, atua na construção de um sujeito “confiável, pois apresenta a verdade e o saber, mas sem responsabilidade sobre o que diz, e como sujeito do poder” (BARROS, 2015, p. 13), que age mais intensamente e expõe seus preconceitos com maior força e intensidade, já que atua sobre um maior espectro de possibilidades discursivas.

Na internet, há uma problemática que envolve os discursos intolerantes no tocante à sua formulação. Os sujeitos que sancionam negativamente o outro por uma existência diferente de seus sistemas de valores a partir de um percurso narrativo passional do medo e ódio são sujeitos instaurados numa rede discursiva complexa. Essa rede se caracteriza por ser um ambiente de interação provedor de uma conjunção concessiva entre termos contrários, como a fala – que se caracteriza por ser próxima, informal e incompleta, por exemplo – e a escrita – distante, completa e formal. Barros (2015) demonstra o caráter complexo dos discursos na internet ao expor que

O termo complexo foi tratado por Greimas em seus primeiros estudos de semiótica, mas não teve grande desenvolvimento posterior. Foi retomado, com muito sucesso, mais recentemente, nos trabalhos de Claude Zilberberg (2004, 2006a, 2006b). Definida pela complexidade, a comunicação na internet é, ao mesmo tempo, próxima e distante; descontraída e formal; incompleta e completa; subjetiva e objetiva. Nesse caso, ela tem seus sentidos exacerbados, já que engloba as possibilidades de interação das duas modalidades, de que resultam sua interatividade intensa, a longa conservação de seus conteúdos e a grande extensão de seu alcance (BARROS, 2015, p. 19)

Essa complexidade discursiva colabora para a intensificação dos discursos intolerantes, já que o sujeito do discurso da internet é

instalado como um sujeito do poder que a interatividade intensificada, a extensão e propagação alargadas, e o anonimato lhe dão. Dotado de poder, ele se coloca como um homem público, mas anônimo, que pode, sem riscos, expor suas preferências, sentimentos e emoções privadas e fazer delas regras públicas. (BARROS, 2014. p. 6).

O sujeito da internet é um sujeito exposto a um alto grau de interatividade, isto é, a uma interação ao mesmo tempo próxima (é possível falar/escrever em bate-papos, que simulam uma conversa real) e distante (todavia, ainda é uma conversa em que os interlocutores estão situados em espaços diferentes), descontraída (com aspectos da fala pouco controlada e não editada) e formal (todavia, é possível reformular o texto ao bel-prazer do narrador), subjetiva (atingindo um grau de pessoalização alto ao instaurar o eu

que fala, muitas vezes ancorado pelo próprio nome e foto do “perfil” do sujeito) e objetiva (atingindo um distanciamento com o interlocutor quando necessário), além de possuir um caráter de completude (isto é, de texto acabado) mas, ao mesmo tempo, de incompletude (mas que dá margem a futuras edições na produção original). A reunião das modalidades tradicionalmente consideradas opostas (fala e escrita, objetividade e subjetividade, proximidade e distanciamento, completude e incompletude) exacerbam as possibilidades comunicacionais na internet e intensificam a interatividade entre os sujeitos.

Esse alto grau de interatividade torna o sujeito que fala um sujeito do poder, isto é, dotado de possibilidades interacionais muito maiores em discursividade na internet. É um sujeito, também, aparentemente protegido pelo estatuto anônimo que a internet simula. Essa simulação ocorre principalmente a partir do caráter de alta propagação de informações e intensidade comunicativa das redes sociais, numa relação conversa entre a quantidade de sujeitos online e a quantidade de segurança para exprimir pensamentos e opiniões – ou preconceitos – sem responsabilidade. Em outras palavras, o fato de a malha digital do *Facebook* permitir ao usuário controle sobre a privacidade de suas informações e autonomia para exclusão dessas informações a seu bel-prazer, somado a um efeito-multidão, que gera um processo de desindividualização do sujeito online, permite que o efeito de anonimato seja gerado.

Jesus (2013, 499), em estudo sobre a psicologia das massas, afirma que “desindividualizar-se é se tornar parte da massa, que sob a capa do anonimato torna sua responsabilidade individual difusa entre os demais membros da multidão”. Isso faz com que o sujeito se sinta anônimo mesmo que possua um perfil no *Facebook* com seus dados pessoais, nome e foto, da forma mais ancorada possível, já que ele é apenas uma agulha no palheiro de outros milhões de sujeitos em rede. Outro fato que contribui para esse status de anonimato é referente às ferramentas de configuração da rede social em questão. É possível comentar em notícias de jornais dessa rede social sem muita preocupação, visto que grande parte das pessoas que debatem em comentários possui como elemento em comum apenas o fato de estarem seguindo as notícias que determinado jornal ou página específica publicam. Caso haja risco para este mesmo sujeito, o *Facebook* fornece alternativas para que haja a certificação do anonimato: é possível bloquear outros perfis, regular quem pode ver suas publicações, quem pode comentar nelas e, até mesmo, excluir

sua própria conta. Portanto, “o anonimato é, sem dúvida, um dos traços que caracterizam o discurso na internet e está relacionado à questão da autoria, e, portanto, à organização do discurso” (BARROS, 2015, p. 23). O efeito de anonimato é um dos principais ingredientes de que o enunciador se vale para demonstrar sua opinião, atribuindo-lhe liberdade e segurança para escrever o que quiser, da forma que quiser – daí a exacerbação dos discursos intolerantes.

A alta interatividade e o jogo entre anonimato e autoria (que definirão, também, um sujeito “público”, que manifesta seus discursos numa rede social para que sejam vistos, divulgados, compartilhados e comentados por todos), de certa forma, “encorajam” o destinador a repassar sua mensagem aos destinatários, receptores dos valores que o poder da comunicação virtual lhe concebe:

O destinador, construído como “homem público”, com poder e saber, e, surpreendentemente, anônimo, às margens da oposição entre o público e o privado, sente-se, de certa forma, na obrigação de manifestar seus preconceitos e de realizar ações intolerantes. [...] A internet não é a causa do preconceito e da intolerância, mas os discursos nela construídos, por suas características discursivas, facilitam ou desencadeiam a produção de discursos intolerantes e preconceituosos e sua intensa e extensa divulgação. (BARROS, 2016, p. 13)

Muitos exemplos podem ser dados para comprovar o “caráter potencializador de discursos intolerantes” da rede social *Facebook*. Os próprios casos analisados neste trabalho, associados à homofobia, são categóricos para demonstrar o quanto a interatividade exacerbada “encoraja” o sujeito a publicar, comentar e compartilhar discursos cada vez mais intolerantes. A sensação de impunidade e poder que a internet produz intensificam a intolerância, e é, muitas vezes, em meros comentários e debates de internautas em notícias publicadas no *Facebook* que é possível identificar a produção, exacerbação e propagação dos discursos intolerantes na internet.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, vs online, acessado em 20 de outubro de 2018.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Mackenzie, 2011.

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2011.

_____. *Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo*. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 58.1, 2016, p. 7-24.

_____. *A complexidade discursiva na internet*. São Paulo: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 13, n. 2, 2015, p. 13-31

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. – Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>.

GREIMAS, Algirdas Julien. *De la colère : étude de sémantique lexicale*. Documents de recherche du groupe de recherches sémio-linguistiques, 1981.

FIORIN, José Luiz. *Paixões, afetos, emoções e sentimentos*. São Paulo: Cadernos de Semiótica Aplicada, 2007. Disponível em: <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/541/462>>.

_____. *Linguagem e Ideologia*. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2005.

FONTANILLE, Jacques e ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial/ Humanitas, 2001.

HAMILTON reprende sobrinho vestido de princesa e causa polêmica. O Globo. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1922867224419614?__tn__=-R>. Acessado em: 20 de outubro de 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes*. Editora Vozes: 2015, Petrópolis, RJ. 2ª ed.

RITA Lisauskas: ‘Como vou explicar para o meu filho 50 assassinatos?’. Disponível em: <<https://www.facebook.com/estadao/posts/1528843967130660>>. Acessado em: 20 de outubro de 2018.